

Editorial

A universidade é um espaço relativamente autônomo, cuja função, em linhas gerais, é produzir, organizar e disseminar o conhecimento científico elaborada por ela, na sociedade. O saber formulado nas e pelas universidades é totalmente diverso, afinal, refere-se às múltiplas formas de conhecimento e às distintas práticas do campo científico. O saber histórico é um desses saberes construídos nas e pelas instituições acadêmicas.

Cada vez mais os historiadores e as historiadoras do Brasil têm se interessado em refletir acerca do saber histórico elaborado pela historiografia acadêmica profissional. Trabalhos com temáticas sobre a história dos cursos superiores de História; história das disciplinas desses cursos; trajetória de professores universitários/professoras universitárias etc. têm ganhado terreno no campo da história da historiografia brasileira. Nesse sentido, esse dossiê reuniu trabalhos cujo escopo foi o de refletir acerca do conhecimento histórico, articulando-o à problemática em torno do ensino e da escrita da História no âmbito dos espaços acadêmicos.

O artigo que abre este dossiê intitula-se “Um ensaio sobre o currículo do curso de História da Universidade de São Paulo e a questão do debate em torno da formação do professor-pesquisador no contexto da reforma universitária”. Escrito por um dos organizadores do dossiê, Bruno Balbino Aires da Costa, o referido trabalho examina a elaboração do currículo do curso de História da USP de 1971, analisando-a a partir do conjunto de transformações ocorridas no sistema universitário, cujo marco inicial é a reforma de 68.

O texto do historiador Matheus Oliveira da Silva intitulado “Manipular o tempo e desenrolar a bobina ao contrário” questiona uma certa memória histórica assentada na ideia de que os primeiros cursos de História do Brasil, como os da Universidade de São Paulo e da Faculdade Nacional de Filosofia, teriam uma função orientadora no que se refere à configuração de outros cursos criados posteriormente.

Diferentemente das propostas dos trabalhos de Bruno Balbino Aires da Costa e de Matheus Oliveira da Silva, o artigo que fecha o presente dossiê, de autoria do professor Diego José Fernandes Freire, intitula-se: “Passados cruzados: as histórias da historiografia brasileira de Astrogildo Rodrigues de Melo e Pedro Moacyr Campos (1951–1961)”. Nesse texto, Diego Freire examina a forma como esses dois historiadores formularam passados para historiografia brasileira, ou melhor, estruturaram um passado disciplinar para a história no Brasil.

A edição n. 8 conta ainda com outros três textos: um artigo livre, escrito por Gledson Nascimento, cuja proposta foi relatar um processo investigativo voltado para o estudo das manifestações arquitetônicas; uma resenha crítica do livro “Teorizar e aprender e ensinar História” — organizado por Marcia de Almeida Gonçalves — elaborada pelo professor Itamar Freitas; um relato de experiência de prática docente, escrito por Antônia Lucivânia da Silva; e um conto de autoria de Mateus Roque da Silva.

Esperamos que este número colabore para que futuras pesquisas sobre o tema do saber histórico produzido nas e pelas universidades sejam possíveis. Desejamos uma ótima leitura.

Dr. Bruno Balbino Aires da Costa
Dr. Saul Estevam Fernandes

